FOLHA DE S.PAULO
UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL
Publicado em 06/11/2022 - 05:59

Elite brasileira capturou até 65% dos ganhos com educação

Obra de creche abandonada há vários anos, na região central da cidade de Flexeiras (AL) Pedro Ladeira/Folhapress

Elite brasileira capturou 65% dos ganhos com educação

Mais ricos continuam ganhando mais mesmo com melhora geral da formação

Douglas Gavras

SÃO PAULO A elite econômica do país capturou até 65% dos ganhos que os trabalhadores brasileiros tiveram com o aumento na escolarização para o nível fundamental, 60% para o médio e 30% para o superior, nos últimos 40 anos.

No período, apesar dos avanços, aqueles no topo da pirâmide (os 10% mais ricos) continuaram ganhando até 50% mais que a metade mais pobre, ainda que eles tenham o mesmo grau de instrução.

Os dados fazem parte de um estudo recente publicado pelos pesquisadores Guilherme Lichand e Maria Eduarda Perpétuo, da Universidade de Zurique (Suíça) e Priscila Soares, da USP. Os números se baseiam em uma série histórica de 1980 a 2021, a partir de resultados do Censo combinados com a Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios). No aspecto econômico, a série vai até 2019.

Com esses dados, eles formularam um indicador chamado IIE (Índice de Iniquidade Educacional), cujo objetivo é medir os efeitos sobre o rendimento médio a partir do acesso à educação e do pertencimento a diferentes grupos (econômicos, racial e de gênero). A base é a população de 25 a 55 anos (ou seja, que já teve chance de se qualificar e ingressar no mercado de trabalho).

"Pelos resultados, podemos observar que, se duas pessoas conseguem um diploma de ensino médio, ambas vão ter recompensas pelo investimento de tempo e dedicação, mas essa diferença é 50% maior se uma delas for da elite", explica Lichand.

Os dados sugerem que os brasileiros de menor renda ganham menos no mercado de trabalho até quando conseguem estudar mais.

A discrepância também ocorre do ponto de vista racial. O prêmio salarial por cada diploma é até 50% maior para brancos e amarelos em relação a pretos, indígenas e pardos (pelos critérios de classificação do IBGE). Essa distância cresceu ao longo do tempo para os ensinos fundamental e médio.

Segundo o economista francês Thomas Piketty (autor de "O Capital no Século 21"), o estagnamento dos ganhos educacionais é uma das principais razões da decadência da social-democracia e, por consequência, da ascensão da direita no mundo, destaca Lichand.

"Nosso trabalho sugere que o ponto talvez seja mais profundo: expandir o acesso à educação a grupos de fora da elite não necessariamente vem acompanhado de maior acesso desses grupos aos seus retornos. Ou seja, talvez não seja o esgotamento da inclusão na educação, mas, sim, o fracasso da inclusão em compartilhar retornos."

Os mais pobres sentiam um "empurrão" mais forte na década de 1980 ao concluírem uma etapa de formação. Com o tempo, o mesmo diploma perdeu força de retorno financeiro e de oportunidades para quem não é da elite.

"De 1980 até 2021, vimos saltos nos anos de estudo. Uma fatia maior da população em idade produtiva concluiu o ensino fundamental (passando de cerca de 20% para 80%), médio (de 15% para 65%) e superior (de perto de zero para cerca de um quinto). Como mais gente começou a se escolarizar, o prêmio pela formação diminuiu na média", diz o pesquisador.

Ele ressalta que as elites acabam restringindo o acesso a oportunidades educacionais, em especial quando o retorno salarial é elevado, excluindo as demais faixas da população. "Diante disso, o privilégio é capturado pelas elites não apenas por diferenças de acesso mas também pelo timing desse acesso."

Na comparação dos estados e ao medir a distância entre os 10% mais ricos e os 50% mais pobres, a desigualdade nos retornos é menor no Rio de Janeiro (19%) e maior no Maranhão (129%); para o ensino médio, Santa Catarina é o mais igualitário no IIE (46%) e Maranhão e Pernambuco, os menos (79%). Quanto menor o percentual, mais igualitário.

Em relação ao que separa mulheres e homens, a distância também é expressiva: a diferença no IIE em 2021 era de 52% no ensino médio, mas chegava a 151% no fundamental. Ao longo das quatro décadas, portanto, os homens capturaram mais que o dobro do prêmio na educação primária e metade na secundária.

Lichand lembra que todos esses grupos carregam o peso do histórico desigual para ter acesso à educação e aos retornos que ela dá no mercado trabalho. "Ela impacta tanto na produção de capital de quem está em idade escolar quanto nas expectativas das gerações futuras."

Um jovem vindo de uma família de baixa renda, por exemplo, tende a se sentir desmotivado ao perceber que os anos a mais de estudo podem não ser suficientes para garantir uma ascensão social mais robusta.

"Os resultados sugerem que o foco de combate à desigualdade deve estar nos primeiros anos de ensino, ainda que uma parte significativa do debate esteja centrada no acesso ao ensino superior", diz.

Ele também ressalta a importância de políticas públicas voltadas para a EJA (Educação de Jovens e Adultos), para obter retornos mais rápidos, além de políticas que combatam a evasão escolar nos ciclos básicos e médio —que cresceu na pandemia.

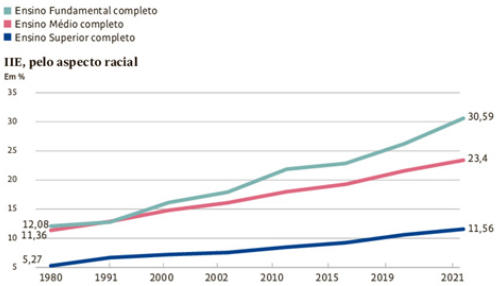
A relação entre aumento da escolaridade e a conquista de empregos de melhor qualidade no futuro é demonstrada por diferentes estudos. Um exemplo disso é um documento do FGV Ibre (Instituto Brasileiro de Economia, da Fundação Getulio Vargas), publicado no ano passado, que apontava que sem a universalização das matrículas em escolas públicas, a partir de 1990, o Brasil teria hoje mais 15 pontos percentuais na fatia de informais e com salários estagnados.

Na avaliação do pesquisador do FGV Ibre Fernando Veloso, o Brasil ainda tem o desafio de lidar com empregos de baixa qualidade, sobretudo com o grande número de trabalhadores informais.

"Enquanto isso, europeus e norte-americanos têm se mobilizado para o mercado do futuro, tentando encontrar formas de qualificar os trabalhadores e colher os frutos desse salto educacional."

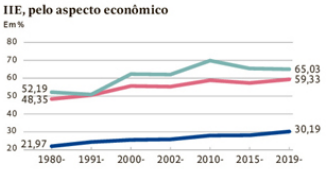
> Nosso trabalho sugere que o ponto talvez seja mais profundo: expandir o acesso à educação a grupos de fora da elite não necessariamente vem acompanhado de maior acesso desses grupos aos seus retornos
>
> **Guilherme Lichand**
> pesquisador da Universidade de Zurique

Variação do Índice de Iniquidade Educacional ao longo do tempo

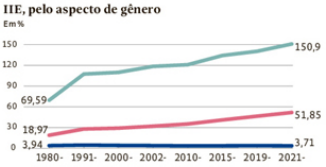


IIE, pelo aspecto racial

IIE, pelo aspecto econômico



IIE, pelo aspecto de gênero



IIE, por estado

Distância entre os 10% mais ricos e os 50% mais pobres, em %

	Fundamental Completo	Médio Completo	Superior Completo
Rondônia	84	56	31
Acre	19	67	37
Amazonas	71	56	28
Roraima	91	62	27
Pará	47	58	31
Amapá	20	53	27
Maranhão	129	79	28
Piauí	87	65	27
Ceará	80	68	30
Rio Grande do Norte	86	62	34
Paraíba	126	77	40
Pernambuco	91	79	38
Alagoas	77	59	35
Sergipe	96	74	32
Bahia	78	67	28
Minas Gerais	65	55	24
Espírito Santo	64	57	28
Rio de Janeiro	19	53	38
São Paulo	24	49	30
Paraná	68	57	28
Santa Catarina	38	46	23
Rio Grande do Sul	53	50	30
Mato Grosso	53	66	35
Goiás	71	60	29
Distrito Federal	20	54	33
Tocantins	71	60	29
Mato Grosso do Sul	53	66	35

Distância no índice, do ponto de vista racial, em %

	Fundamental Completo	Médio Completo	Superior Completo
Rondônia	9	9	6
Acre	23	18	7
Amazonas	27	20	8
Roraima	6	16	10
Pará	15	16	7
Amapá	-26	10	6
Maranhão	29	15	5
Piauí	18	14	7
Ceará	16	15	7
Rio Grande do Norte	12	14	7
Paraíba	16	12	7
Pernambuco	16	17	9
Alagoas	14	14	7
Sergipe	22	11	7
Bahia	15	13	7
Minas Gerais	14	16	8
Espírito Santo	21	15	9
Rio de Janeiro	0	16	15
São Paulo	6	19	13
Paraná	10	18	9
Santa Catarina	10	15	7
Rio Grande do Sul	18	16	8
Mato Grosso	20	16	9
Goiás	13	15	7
Distrito Federal	-9	25	20
Tocantins	13	15	7
Mato Grosso do Sul	20	16	9

Distância no índice, do ponto de vista de gênero, em %

	Fundamental Completo	Médio Completo	Superior Completo
Rondônia	101	26	1
Acre	70	22	1
Amazonas	140	42	2
Roraima	129	24	0
Pará	154	41	1
Amapá	202	40	2
Maranhão	121	22	0
Piauí	62	12	0
Ceará	86	24	1
Rio Grande do Norte	111	25	1
Paraíba	117	24	1
Pernambuco	124	39	1
Alagoas	95	23	0
Sergipe	122	28	1
Bahia	109	24	1
Minas Gerais	118	37	2
Espírito Santo	153	48	3
Rio de Janeiro	359	95	7
São Paulo	253	77	7
Paraná	159	48	5
Santa Catarina	164	51	5
Rio Grande do Sul	163	38	3
Mato Grosso	170	52	3
Goiás	158	47	3
Distrito Federal	429	94	12
Tocantins	158	47	3
Mato Grosso do Sul	170	52	3

Fonte: pesquisadores Guilherme Lichand, Maria Eduarda Perpétuo e Priscila Soares

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mercado **Caderno:** A **Pagina:** 21

Copyright © Clipclap 2025.